



## DISCURSOS DE IDENTIDADES DOCENTES EM COMUNIDADES VIRTUAIS PARA PROFESSORES SUBSTITUTOS

### TEACHER IDENTITIES DISCOURSES WITHIN ON-LINE COMMUNITIES ADRESSING TO REPLACEMENT TEACHERS

Ana Paula Domingos Baladeli<sup>1</sup>  
Aparecida de Jesus Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** As comunidades virtuais têm representado espaços alternativos para a divulgação de discursos; acesso a informação; exercício da cidadania; mobilização de pessoas comuns na defesa de seus interesses e, sobretudo, na construção de identidades. Os referenciais teóricos utilizados são Bauman (2005), Hall (2006), Moita Lopes (2010), Mocelim (2007), Recuero (2009) e Couto e Rocha (2010) entre outros para ancorar as discussões sobre identidade e ciberespaço. Assim, neste artigo analisamos as atividades de uma comunidade virtual no Orkut criada para professores substitutos e, por meio das interações nos *posts* refletimos sobre o processo de construção identitária do professor. Observamos que as representações negativas sobre si publicadas nos posts pelos professores evidenciam significados socialmente construídos atribuídos ao fato de terem vínculo temporário de trabalho. Concluimos que a linguagem e as interações sociais representam as identidades sociais dos professores e, que em tempos de cibercultura as identidades são híbridas, transitórias e fluidas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, professor, discurso; redes sociais.

**ABSTRACT:** On-line communities have been represented an alternative for the dissemination of speech, access to information; citizenship; mobilizing of ordinary people to defend their interests, and especially in the construction of identities. Theoretical frameworks used are Bauman (2005), Hall (2006), Moita Lopes (2010), Mocelim (2007), Recuero (2009), Rocha and Couto (2010) to anchor the discussions about identity and cyberspace. Thus, this paper analyzes the activities of a virtual community on Orkut created to substitute teachers, and through the interactions in the posts we reflect on the process of teachers' identity construction. We observed that the negative representations about themselves published by them in the posts evidence the socially constructed meanings attributed to the fact that they have temporary contract work. We conclude that the language and social interactions represent the teachers' social identities and that in times of cyber identities are hybrid, transitional and fluid.

**KEYWORDS:** Identities, teacher; discourse, social networks.

<sup>1</sup> Mestre em Educação - UEM. Mestre em Letras (Linguagem e Sociedade) UNIOESTE. Doutorado em Letras (Linguagem e sociedade) UNIOESTE. E-mail: annapdomingos@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Doutora em Educação de Professores e Linguística Aplicada pela University of London. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG. Atua na Pós-Graduação em Letras (linguagem e sociedade) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: aparecidajesusferreira@gmail.com



## Introdução

O aprimoramento da ciência e da tecnologia somada ao processo de globalização acelerado das economias tem sido apontado por pesquisadores (BAUMAN, 2005; HALL, 2006; LEMOS, 2009) como elementos constituintes da modernidade. Na esteira das alterações econômicas e socioculturais está o advento da Internet que, aperfeiçoou muitos setores da sociedade e descentralizou a comunicação, antes restrita às mídias tradicionais de massa (LEMOS, 2010). Diante disso, observamos a miríade em que o processo de construção identitária tem se inserido, uma vez que, no interior de um cenário multifacetado como o ciberespaço as identidades não são fixas ou isoladas e nem podem sê-lo em face à mutabilidade instaurada na dinâmica social atual (BAUMAN, 2005; HALL, 2006; BALADELI e FERREIRA, 2011a).

Tal cenário é movido pela utilização de espaços na *web* para a produção e a divulgação de informação instaurando novas práticas sociais de leitura e de escrita descentralizadas, ou seja, realizadas a partir da transferência de dados e divulgação de informação. Essa relativa abertura na mídia possibilita a colaboração; a produção coletiva de conhecimento e a afirmação de identidades por meio do discurso (MENDES, 2001; MOITA LOPES, 2010). Fato esse que pode ser observado no crescente volume de informações socializadas e perfis criados nas diferentes redes sociais conforme indicam dados publicados pelo Blog Ritholtz que nos permitem ter uma noção da dinâmica da *web* como mídia colaborativa.

Tabela 1 - Acontecimentos da web

O que acontece na Internet em 60 segundos	
694.445	pesquisas feitas no Google
320	novas contas no Twitter
98.000	tweets são enviados
168 milhões	emails são enviados
600	novos vídeos postados no You Tube
510.040	novos comentários postados no Facebook
13.000	aplicativos para iPhone são baixados



Fonte: [www.ritholtz.com/blog](http://www.ritholtz.com/blog) <sup>3</sup>

Na *web*, além do compartilhamento de imagens, vídeos, dados e *links* também são difundidas opiniões e visões de mundo propagadas num sem-número de espaços discursivos *on-line*. Por essa razão, as interações realizadas nas redes sociais mais do que mera ação de entretenimento tem fomentado a organização de sujeitos comuns a fim de mobilizar a sociedade sobre acontecimentos em diferentes esferas; reivindicar publicamente os direitos de uma classe; socializar informações sobre determinados temas entre outros propósitos que motivam cada vez mais a divulgação do que nelas ocorrem (LEMOS, 2010). Sendo assim, nosso propósito nesse artigo é integrar as discussões sobre os novos letramentos digitais e a participação massiva nas redes sociais como pressuposto para a construção de identidades e mobilização política de minorias e grupos organizados. Nosso ponto de partida é a caracterização da mudança na sociabilidade trazida pelo ciberespaço bem como a criação de novos *locus* de pesquisa que tem se revelado as redes sociais.

Destarte, propomo-nos ainda fazer alguns apontamentos em relação a uma das facetas da cibercultura – a popularização das redes sociais e seu efeito no processo de construção identitária do professor PSS<sup>4</sup> no Paraná. De acordo com Souza (2011),

Em relação ao Paraná, segundo dados disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED), lecionavam ao final de 2009, nas escolas públicas estaduais paranaenses, 64.278 professores, sendo 16.985 (26%) contratados em regime especial, através de Processo Seletivo Simplificado (PSS), número que se revela preocupante; uma vez que contraria a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que prevê a admissão de professores temporários apenas para o atendimento de necessidades temporárias de excepcional interesse público (SOUZA, 2011, p. 21).

Os dados apresentados por Souza (2011) são importantes visto que revelam que mais de um quarto dos professores da educação básica no Estado do Paraná são contratados pelo sistema

<sup>3</sup> Disponível em [http://www.ritholtz.com/blog/2011/12/60-seconds-things-that-happen-every-sixty-seconds/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=feed&utm\\_campaign=Feed%3A+TheBigPicture+%28The+Big+Picture%29](http://www.ritholtz.com/blog/2011/12/60-seconds-things-that-happen-every-sixty-seconds/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+TheBigPicture+%28The+Big+Picture%29) Acesso em 28 dez. 2012.

<sup>4</sup> Professor contratado pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS) que tem como critério de classificação a triangulação dos dados seguinte dados; titulação do candidato, tempo de serviço na educação e idade.



PSS, dado significativo para motivar o entendimento do que os professores pensam sobre esse sistema de seleção, bem como o impacto deste vínculo na construção das identidades docentes. Para isso, acompanhamos como membro de uma comunidade virtual no *Orkut* direcionada a professores PSS ao longo de 1 ano os *posts* nos fóruns de discussão. Essa observação participante possibilitou-nos entender que na *web* as identidades são afirmadas e construídas, por meio da escrita sobre si, nesse caso específico, a identidade do professor substituto.

### **Identidade, ciberespaço e redes sociais: alguns conceitos**

Conforme pesquisas de Mocelim (2007); Recuero (2009) e Couto e Rocha (2010), as mudanças na sociabilidade mediada por computador interferem, *a priori*, na forma como afirmamos, construímos ou negociamos nossas identidades que, segundo a perspectiva adotada neste artigo é compreendida como uma produção sociohistórica mediada, sobretudo pela linguagem. A questão da identidade tem apresentado-se como um tema central nas pesquisas sobre mídias sociais em face às transformações que o mundo tem passado no âmbito cultural, social, econômico, político e tecnológico.

Evidentemente, a popularização dos sistemas de redes sociais proporcionada pela *web* 2.0 desencadeia maior interesse das pessoas em participar de espaços de interação seja por meio da postagem de um flagrante com o celular ou mesmo na divulgação da ideologia de um grupo. Com efeito, essa mudança sociocultural latente em tempos de cibercultura evidencia que tanto a linguagem quanto a tecnologia não são produções neutras e isentas de ideologias, ao contrário, por tratar-se de produções históricas acompanham os usos e os interesses dos grupos que delas se apropriam (MOITA LOPES, 2010; LEMOS, 2010; BALADELI e FERREIRA, 2011b). A tomada da *web* como espaço democrático para a veiculação de discursos produzidos à revelia dos grandes conglomerados de comunicação vem ganhando destaque visto que os demais meios de comunicação de massa estão ultimamente buscando maior integração com esses espaços de interlocução (LEMOS, 2010). Portanto, é importante observar que o ciberespaço pode tanto representar uma arena para a experimentação de identidades como também ser uma extensão para o exercício de identidades já construídas nas interações sociais *off-line*.



Em seu aspecto fluido (BAUMAN, 2005) ou recombinate (LEMOS, 2010) a Pós-Modernidade tem sido palco de novas interpretações do conceito de identidade conforme também assevera Woodward (2009), para quem compreender a complexidade que envolve a produção de identidades em contextos específicos requer a consideração de aspectos socioculturais refletidos nas ideologias de todo grupo social. Dessa forma, “[...] a identidade é vista como contingente; isto é, como produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares” (WOODWARD, 2009, p. 38).

Concordamos com (MENDES, 2001; BAUMAN, 2005; HALL, 2009; WOODWARD, 2009; SILVA, 2009) quando argumentam que a mobilidade e a pluralidade são elementos que somados à linguagem representam a essência das identidades. Esse também é o argumento de Mendes, para quem “[...] as identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas” (MENDES, 2001, p. 491). Um ponto comum entre os pesquisadores supracitados é o de que a identidade é construída e mediada por produções simbólicas tendo, pois, nas relações sociais a linguagem seu expoente *sui generis* refletindo, portanto, as marcas da cultura local do sujeito e/ou do grupo a que pertence (MENDES, 2001; HALL, 2009; SILVA, 2009).

No que diz respeito aos efeitos das transformações acarretadas pelo mundo moderno, para Hall (2006) estas afetam, quando não, determinam os processos de construção identitária uma vez que num contexto cada vez mais provisório a descentralização constante do sujeito gera mudanças no processo de identificação. A assertiva de Hall coaduna com a ótica de Bauman (2005), pois o autor afirma que ao longo de uma vida experimentamos e criamos várias identidades que além de usadas são exibidas, fim para o qual foi criada no cenário que segundo o pesquisador constitui a transição da fase sólida para a fase fluida. Ao aliar as proposições ora apresentadas com o papel das mídias na consolidação das identidades Bauman (2005) acredita que seja um equívoco atribuir apenas às tecnologias o estado das coisas, isso porque, em sua perspectiva, é ontológico, ou seja, inerente ao ser humano o constante ato de ajustar, moldar, adaptar as identidades, não cabendo, portanto, a rigidez e a imutabilidade.



[...] É porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões (BAUMAN, 2005, p. 97).

Nesse contexto, a comunicação mediada pela Internet não só desestabilizou o poder hegemônico das mídias de massa, como também, trouxe para a condição de produtores de informação os sujeitos comuns, antes, relegados ao papel de ‘receptores’ ou ‘telespectadores’ das transmissões alheiras. É nessa ótica que se alinha o argumento de Lemos (2010) para quem a chamada mídia pós-massiva, liderada pela Internet conectada as demais tecnologias móveis de captura e divulgação vem realizando uma verdadeira revolução midiática que;

[...] permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, consumir, produzir e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo sem ter de movimentar grandes volumes financeiros ou ter de pedir concessão a quem quer que seja (LEMOS, 2010, p. 25).

Levando em conta o aumento de pessoas, empresas, instituições e organizações que criam perfis no *Orkut*, *Facebook* e *Twitter* crescem proporcionalmente a produção coletiva de conhecimento; a consolidação de novos letramentos digitais e formatos e, em última análise no exercício da cidadania na medida em que pessoas comuns podem ter mais acesso a informação. Além do aspecto interacional engendrado e levado às últimas consequências pelas redes sociais também se observa a afirmação e/ou construção de identidades nesses novos espaços de sociabilidade como atestam pesquisas de Mocelím (2007) e Recuero (2009).

Sendo assim, mediante o fato de as interações realizadas pelos sujeitos estarem relacionadas à reciprocidade e aceitabilidade de seus interlocutores, os laços sociais ocorrem de formas variadas, desordenadas e em frequente mutação, pois dependem do comportamento e dos interesses daqueles envolvidos (MOCELIM, 2007; RECUERO, 2009). O detalhe é que essas interações não são pacíficas, pelo contrário, no interior de um grupo podem-se encontrar posicionamentos contrários e relações conflituosas, daí a necessidade de regras nas comunidades e a intervenção do moderador. A presença de conflitos no processo de construção identitária



segundo Mendes (2001) é natural haja vista que as identidades são construídas com “[...] os acidentes, as fricções, os erros, o caos, ou seja, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, de grupos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entres os diferentes agentes e lugares de socialização” (MENDES, 2001, p. 490).

Na concepção de Recuero (2009), a comunicação mediada por computador tem instaurado novas possibilidades de interação, de construção de identidades e de pertencimento, mas isso só é possível porque os atores sociais se apropriam das redes adicionando amigos; filiando-se a comunidades e listas de discussão; postando nos fóruns; publicando comentários entre outras ações. Diante da cooperação e da reciprocidade é possível alegar que toda publicação feita por um ator social ocorre com base naquilo que ele julga ser a melhor forma do outro (re)conhecê-lo, sendo assim, as informações veiculadas juntamente com outras pistas do *quem sou eu* são escolhas feitas a partir da audiência social considerando o juízo de valor dos demais interlocutores (MOCELIM, 2007; RECUERO, 2009).

Tomando como exemplo o estudo realizado por Mocelim (2007) sobre o *Orkut* a construção de identidades começa com a criação do perfil; a escolha da imagem que o identifica, passando pela seleção das comunidades virtuais e também pela quantidade de amigos adicionados. Todavia, esse perfil que pode ser preenchido de formas variadas e tende a ser atualizado com frequência está em constante mutação mediante a preocupação do autor com a forma como será conhecido. Mocelim (2007) ainda conclui que as identidades não são construídas apenas pelo o que se escreve sobre si, mas também, pela lista de amigos e pelas comunidades virtuais as quais o sujeito se filia. Assim, cada sujeito é conhecido pelos amigos e pelas comunidades a quais pertencem, estas que nem sempre chegam a ser visitadas, mas constam no perfil como indícios das preferências e interesses do sujeito.

O Orkut nos leva a pensar em como, cada vez mais, a sociabilidade na Internet se torna parecida com o que se dá na sociedade que nos circunda – com a possibilidade de reunir pessoas diversas, com interesses conflitantes, num lugar comum, onde todos têm de lidar, para bem ou para mal, com todos (MOCELIM, 2007, p. 119).



Diante do discutido, é possível observar que as trocas sociais que ocorrem nas redes sociais nem sempre são pacíficas, visto que, congregam a pluralidade de visões de mundo. Assim, uma comunidade virtual ainda que formada por sujeitos que em princípio compartilhem os mesmos interesses, em alguma medida, os pontos de vista, o nível de engajamento nas discussões e os valores construídos por cada um irão evidenciar as diferenças no discurso. Segundo Recuero (2009); Couto e Rocha (2010), as comunidades virtuais são movidas pela publicação nos fóruns de discussão; pela participação nas enquetes; pelas notícias; pela intervenção dos moderadores e, sobretudo, pela presença de conflitos e tensões desencadeados ao longo das interações.

### **O professor e suas (ciber)identidades: metodologia e análise**

A *web 2.0* tem sido cada vez mais utilizada como extensão de espaços físicos existentes *off-line* como alternativas para a interação a distância; a socialização de informação e para a mobilização de sujeitos em torno de uma causa social. Dado que pode ser acompanhado de perto pela repercussão do vídeo da enfermeira que espancou e matou o seu cachorro em frente ao filho, gerando comoção e indignação nacional, iniciada primeira nas redes sociais e, posteriormente virando notícia na TV aberta.

Com efeito, as redes sociais tem representado espaços não oficiais para o agrupamento de pessoas engajadas em causas diversas que criam comunidades ou perfis a fim de divulgar sua causa; proteção aos animais; direitos dos GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros); grupos xenófonos; torcedores fanáticos de times de futebol; grupos religiosos ou ateus; movimentos contrário à diversidade; sindicatos e agremiações; grupos separatistas; ativistas políticos e apolíticos ou simplesmente fãs de uma banda de *pop rock*. Sendo assim, a possibilidade de qualquer pessoa com acesso à *web* divulgar suas produções evidencia a dimensão democrática da tecnologia, salvo em caso de denúncia em que os conteúdos publicados nas redes sociais ou outros espaços discursivos ao serem considerados abusivos, caluniosos e preconceituosos chegam a ser bloqueados ou retirados definitivamente da rede via mandado judicial.

Nosso interesse repousa no (re)conhecimento da apropriação que o professor substituto faz do ciberespaço como espaço para publicação de seu discurso, para efeitos de exemplificação,



coletamos alguns *posts* em comunidades virtuais no *Orkut* criadas para a interação de uma classe específica, a dos professores substitutos do Estado do Paraná. Mediante o propósito de preservar os dados ora apresentados, optamos por não divulgar nem o nome da comunidade nem de seus 724 membros. A comunidade foi criada em 2010 e está descrita como um “*espaço criado para a troca de ideias e informações (já que as mesmas são quase sempre desconstruídas) aos professores que trabalham no regime PSS no Estado do Paraná. Bem vindos novos e velhos amigos. Ps. Devido a falta de educação, desrespeito e infantilidade de alguns usuários frustrados que se dizem ‘professores’, a comunidade passa a ser moderada para o bom senso e resguardo dos colegas’*”.

Após acompanharmos as discussões realizadas nos fóruns, identificamos que as atividades da comunidade são movidas por três temas norteadores relacionados; ao processo seletivo e a classificação; ao processo de convocação e distribuição de aulas e, finalmente, ao pagamento dos vencimentos e dos direitos rescisórios. Sendo assim, selecionamos alguns *posts* sobre esses temas a fim de discorrermos sobre o papel social de espaços não oficiais como estes na divulgação de informação; na socialização de opiniões; no exercício da cidadania e na construção identitária do professor.

Em síntese, os *posts* mais ilustrativos estão contemplados nos fóruns apresentados em ordem cronológica.

Tabela 2 – Síntese dos temas dos fóruns

TEMA	FÓRUM	POST	DATA
Processo seletivo e Data classificação		272	17/01/11
Convocação e distribuição de aulas	Algum PSS já pegou aula este ano?	88	21/02/11
Salário e encerramento de contrato	Pagamento	262	26/12/11

Fonte: organização das autoras

Os temas debatidos nos fóruns surgem do interesse e das necessidades de comunicação do próprio grupo, o que não garante homogeneidade nas discussões e nos pontos de vista conforme atestam Recuero (2009); Couto, Rocha (2010). No caso da dinâmica dessa comunidade o volume maior de participação ocorre em períodos de abertura das inscrições seguido pelo edital



com o resultado da classificação final dos candidatos ao cargo de professor substituto. Nesse ano, pela primeira vez as inscrições foram totalmente via Internet, o que gerou muitos problemas aos candidatos que alegaram terem sido prejudicados pelo sistema, razão suficiente para a intervenção do sindicato e até do Ministério Público. Problemas técnicos à parte, o fórum – Data de 17/01/11 criado a partir dos desencontros de informações sobre a classificação final e a distribuição de aulas desencadeou centenas de *posts* de professores em busca de maiores informações sobre os impasses do processo seletivo.

### Data

O que aconteceu com o Pss 2011? Não faz sentido vc cair 30 colocações de um ano pra outro, sendo que meu contrato era desde 2009, eu nunca fiquei doente, nunca tirei licença de nada, nunca faltei no trabalho, aumentei uma pós graduação nesse ano. Que raio de lista é essa? (prof.01).

O fato é: O PROCESSO ESTÁ ERRADO E NÓS TEMOS QUE REIVINDICAR NOSSOS DIREITOS!E não ficar batendo boca...É muito fácil cruzar os braços só pq tem aula garantida e ver os demais colegas se f....., enfim, vamos parar de ser egoístas e tentar resolver esse problema com a Seed e demais autoridades, pois, é de interesse de todos ou não? (prof. 02).

Conforme os *posts* evidenciam o processo seletivo gerou indignação e insatisfação por parte dos professores, uma vez que, as aulas foram distribuídas mesmo após um volume grande de recursos protocolados de candidatos descontentes com a classificação. Dessa forma, os *posts* que seguiram versaram sobre a necessidade de mobilização da classe diante dos órgãos competentes a fim de reivindicar seus direitos de professor.

Acho que deveria nos mobilizarmos de alguma forma,sei lá. Fazer com que a App nos visualize mais, fazermos protestos para que o Estado veja que não somos "mendigos" da educação,que necessita de suas migalhas e da sua indiferença. (prof.03).

O segundo tema que movimentou a comunidade estava relacionado ao processo de distribuição de aulas. Os resultados apresentados nos discursos dos professores revelam similaridades com as pesquisas desenvolvidas por Souza (2011) e por Milani e Fiod (2008). Ao



longo das trocas de informações entre os pares sobre o andamento da distribuição em todos os Núcleos Regionais de Educação – NRE do Estado, alguns professores verbalizaram nos *posts* seu descontentamento e perda de interesse em atuarem como PSS ao ponto de levantarem a hipótese de abandono do processo.

### **Algum PSS já pegou aula este ano?**

Por isso me garanti só com as aulas que tenho na escola particular que estou trabalhando 15 aulas até terminar o mestrado ta de bom tamanho. Ganho mais do que se tivesse trabalhando 20 horas no Estado e definitivamente me NEGOU a ser PSS sob as condições que estão nos impondo...(prof.04).

[...] é uma vergonha mesmo ficar mendigando aulas, estou terminando a minha especialização em educação na UFPR, três anos de experiência e não consegui aulas. Com certeza perdi para os acadêmicos, nada contra os acadêmicos, a culpa é dos nossos governantes que querem que a educação pública sirva somente para a formação de mão-de-obra barata para a exploração do sistema capitalista. É por isso que fazem um edital mal feito, não fazem prova para selecionar os professores mais competentes, etc...[...] Pretendo fazer o mestrado, mas continuar em sala de aula, aí vai ser de mais!!!!!!! rss.. (prof.05).

Os *posts* dos professores 04 e 05 são ilustrativos no sentido de delimitar a diferença entre ser professor substituto e ser professor efetivo. Isso porque, conforme discorreremos ao longo deste artigo, se a identidade é uma construção social que se consolida nas interações, o espaço desta comunidade representa uma forma de os professores PSS veicularem com relativa liberdade suas opiniões e os significados de ser professor substituto.

Ao longo das descrições é possível observar as representações que o professor temporário tem sobre si mesmo a partir da forma como é con(tratado) e das condições de trabalho que lhes são impostas. Nos mais de 1000 *posts* publicados na comunidade, o que é possível observar também é que parte dos professores substitutos reconhece a especificidade de sua condição de ser contratado esporadicamente mediante demanda. Esse grupo resignado na maioria dos casos não recebe pacificamente críticas ou depoimentos inflamados sobre a necessidade de extinção do PSS e abertura de mais vagas em concurso público. Tanto que, ser substituto tem se tornado natural para grande parte de professores que na impossibilidade de atuarem na esfera privada ou de serem convocados em concurso público contam exclusivamente



com essa oportunidade de trabalho, esse grupo, não aceita crítica e nem mesmo considera a diferença entre ser professor efetivo e ser professor PSS. Essa postura está bem evidente no *post* seguinte em que o prof.06 interpreta o desabafo dos prof.04 e 05 como uma atitude de desdém para com os demais professores que dependem exclusivamente do PSS.

[...] São retratos dos típicos "alunos Federal". Dizer que com 15 aulas no privado, ganha mais do que com 20 no Estado. Que Ensino Público é só na Federal. "mantendo a máxima de que povo que pensa pouco é mais fácil de controlar." Referindo-se a trabalhadores que participam da comunidade. Desmerecendo quem PRECISA trabalhar nessas condições. Condições essas, que ambos TENTARAM ter. Sinceramente? Me divirto em ver "Mestres" - "Federais" concorrendo com "Menos Qualificados" por R\$ 9,00 a h/a. E depois de não conseguirem, julgam não ter mérito trabalhar no Estado. (prof.06).

Como em qualquer situação de interação mediante a pluralidade de sujeitos e opiniões destacam-se os conflitos e a necessidade de negociação constante de significados. Isso ocorre, porque, todo grupo social está sujeito há divergência e a embates, no caso das redes sociais, essa pluralidade de opiniões ocorre via discurso escrito, que também confirma a representação negativa que o professor PSS tem de si, vinculado-se a um sub-profissional se comparado ao professor efetivo. Essa representação negativa suscita a cizânia dentro do próprio grupo; o primeiro não aparenta diferenciar a condição do professor efetivo e do PSS; o segundo por sua vez, toma o descontentamento como fator motivador para buscar outras oportunidades de trabalho.

### **Pagamento**

É uma humilhação com os PSS mesmo.....mas vamos torcer pra sair na terça pra ainda pegarmos fila em caixa de mercado, loja, etc. Sacanagem como se não tivéssemos família e presentes a comprar contas a pagar. (prof.06)

PSS é ferrado mesmo! Por lei (CLT) o empregador é obrigado a pagar o 13º salário até o dia 20 de dezembro. Nada mais lógico sendo abono de Natal. Mas para nós a lei e a lógica não prevalecem. Tenho notado também, desde que ingressei no magistério, que a APP faz pouco caso as demandas dos PSS, permitindo inclusive a gritante transgressão jurídica do pagamento do 13º depois do Natal ou somente no ano novo. (prof.07).



Esses *posts* coletados em uma comunidade do *Orkut* criado por e para professores substitutos ilustram a necessidade desse grupo de profissionais da educação de discutirem com seus pares a sua própria condição como profissional da educação que, com vínculo sazonal nem sempre cria laços nas escolas por onde passa, chegando até em muitos casos a substituir um professor por apenas 15 dias. Conforme Milani e Fiod (2008), que pesquisaram sobre a precarização do trabalho docente nas escolas públicas do Paraná, afirmam que o professor,

Está sendo mal remunerado pela longa jornada de trabalho que desempenha dentro e fora da escola. E, sendo contratado por tempo determinado, os encargos sociais conquistados no decorrer da história da educação lhe são suprimidos. O professor temporário vive em constante insegurança causada pela incerteza da utilização ou não da sua mão-de-obra por parte do Estado (MILANI e FIOD, 2008, p. 94).

Sendo assim os resultados dessa pesquisa parecem confirmar os resultados de Milani e Fiod (2008), pois nessas condições, PSS pouco se integra com a comunidade escolar visto que transita por várias instituições ao longo do ano letivo tendo assim, poucas oportunidades de pertencimento a elas, tendo assim, um negativo impacto nas identidades profissionais desses professores.

### **Considerações finais**

Ao longo deste artigo discutimos o papel da *web 2.0* como *locus* profícuo numa nova sociabilidade movida pelos centros de interesses dos atores sociais e pela necessidade de pertencimento a algum grupo. Nos limites do referencial adotado, nos propusemos a (re)visitar os conceitos de identidade e os efeitos de sua construção no ciberespaço. Observamos ao longo das leituras que a adesão massiva de sujeitos comuns às redes sociais tem favorecido na ampliação do acesso a informação; na mobilização de grupos e na afirmação de identidades. Conforme evidenciamos as práticas sociais na *web* não são homogêneas, ao contrário, as redes sociais têm veiculado discursos plurais, rupturas, construção e (re) construção constante das identidades.



No tocante à identidade do professor PSS, concluímos que as representações de si veiculadas no discurso publicado nas comunidades observadas são negativas se comparado ao professor com vínculo efetivo. Ademais, consideramos que as redes sociais tornam-se espaços alternativos para que dúvidas, informações e contestações sejam publicadas, até porque, em espaços oficiais de comunicação nem sempre essa categoria tem liberdade para expressar o seu ponto de vista.

## REFERÊNCIAS

BALADELI, Ana P. D.; FERREIRA, Aparecida J. Educação e Novos Letramentos Digitais: Colaboração e construção de identidades. Anais do **IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais**, Sorocaba, Universidade de Sorocaba, 2011a. Disponível em: <[http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/09\\_AnaBaladeli.pdf](http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/09_AnaBaladeli.pdf)> Acesso em 28 dez. 2012.

BALADELI, Ana P. D.; FERREIRA, Aparecida J. Os novos letramentos digitais e a formação do professor de línguas. **Anais do III Congresso Nacional de Linguagens em Interação CONALI**, Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 2011b. Disponível em: <[http://www.conali.com.br/up/edital\\_ec3d34efab222e92f3da0e8536f6ce697.pdf](http://www.conali.com.br/up/edital_ec3d34efab222e92f3da0e8536f6ce697.pdf)> Acesso em 28 dez. 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedito Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005, 110p.

COUTO, Edvaldo S.; ROCHA, Telma B. Identidades contemporâneas: a experimentação de 'eus' no Orkut. In: COUTO, E. S.; ROCHA, R.B. (orgs). **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2010, 265 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, 102 p.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009, 133 p.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010, 258 p.



LEMOS, André. Cibercultura como território recombinante. In: Cazeloto, E., Trivinho, E. (orgs). **A Cibercultura e seu Espelho. Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa.** SP, Itaú Cultural, Abciber, 2009, 166 p.

MENDES, José M. O. O desafio das identidades. In: SOUSA SANTOS, Boaventura. **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Ed. Afrontamento, 2001, 555 p.

MILANI, Noeli Z.; FIOD, Edna Garcia M. Precarização do trabalho docente nas escolas públicas do Paraná (1990-2005). **Roteiro**, Joaçaba, v. 33, n. 1, p. 77-100, jan./jun. 2008.

MOCELIM, Allan. Internet e identidade: um estudo sobre o website Orkut. **Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC.** vol. 3, n. 2 (2), janeiro-julho, p. 100-121, 2007.

MOITA LOPES, Luiz P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trab. Ling., Campinas**, 49 (2), p.393-417, jul./dez., 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009, 191 p.

SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009, 133 p.

SOUZA, Marcelo N. **Condições de trabalho e remuneração docente: o caso do professor temporário na rede estadual de ensino do Paraná.** 2011. 200 p. (Dissertação em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. ; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009, 133 p.